

Destinos cruzados: estruturas e processos da homogamia

APRESENTAÇÃO

Neste artigo pretendemos abordar, a propósito de um universo de sócios de empresas recém-criadas de dois concelhos periféricos de Lisboa, Loures e Barreiro, a questão da *homogamia*. No primeiro ponto discutimos a pertinência de uma perspectiva que foca o desfasamento entre as representações que constroem a conjugalidade moderna e a lógica homogâmica das práticas de escolha do cônjuge. No segundo, a homogamia é metodologicamente trabalhada como *estrutura*, isto é, como produto final de uma decisão que recai sobre um par ou sobre alguém com uma posição vizinha no espaço social, e, no terceiro, como *processo*, ou seja, privilegiando os cenários de interacção nos quais os parceiros vêm efectivamente a encontrar-se ou desencontrar-se. Concluímos, por último, que, apesar de esta população se caracterizar por uma acentuada mobilidade social (face à geração de origem), o percurso matrimonial é socialmente endogâmico.

1. A CONSTITUIÇÃO DOS CASAIS: ESTRUTURA E PROCESSOS DA HOMOGAMIA

As representações que constroem a *conjugalidade moderna*, de há muito objecto de atenção nas ciências sociais, organizam-se em torno de uma constelação de ideais onde a afeição e a privacidade surgem como elementos

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

fundadores do casal e da família contemporâneos. Na sequência dos trabalhos pioneiros de Ariès¹, muitos autores têm referido (em distintos tempos e contextos nacionais, regionais ou sociais) a importância da sentimentalização e da privatização das relações familiares. A família nuclear moderna (marido e mulher, pais e filhos) é representada como um lugar de companheirismo e realização afectiva para os seus membros, um espaço recluso da vida pública², onde as emoções gratificantes triunfariam sobre a lógica do interesse, predominante no seu exterior. Existe, aliás, uma forte tentação para contrapor estas suas virtudes privadas, fruto da acção interpessoal de agentes dotados de capacidade de autodeterminação e que buscam a realização afectiva, ao modelo rígido de uma família *tradicional*. Esta, por muitos tida como característica das sociedades europeias do Antigo Regime (período anterior à implantação dos liberais na Europa, ao desenvolvimento da industrialização e à eclosão da sensibilidade romântica), teria a sua formação condicionada por regras explícitas ou códigos compulsivos, estando dominada pelo interesse. Um interesse que tanto podia ser o da manutenção de um *status* ou capital social elevado, como no caso da aristocracia ou de outros grupos de elite, que não queriam ser prejudicados com alianças matrimoniais com grupos de posição inferior, como o de um campesinato que buscava no matrimónio a consolidação de patrimónios ou a formação/manutenção de uma unidade económica centrada na família³.

Esta representação moderna da conjugalidade (e necessariamente da família) tem surgido em vários inquéritos recentes aos valores prevalentes na

¹ Ph. Ariès, *L'Enfant et la vie familiale sous l' Ancien Régime*, Paris, Éd. du Seuil, 1973.

² Eis algumas referências clássicas no domínio da história: F. Lebrun, *La Vie conjugale sous l' Ancien Régime*, Paris, A. Colin, 1975; J. L. Flandrin, *Familles — parenté, maison, sexualité dans l' ancienne société*, Paris, Hachette, 1976; E. Shorter, *Naissance de la famille moderne*, Paris, Seuil, 1977; L. Stone, *The Family, Sex and Marriage in England 1500-1800*, Nova Iorque, Harper Colophon Books, 1979. E outras no domínio da sociologia: T. Parsons e R. F. Bales, *Family, Socialization and Interaction Process*, Nova Iorque, The Free Press, 1955; E. Burgess et al., *The Family: from Institution to Companionship*, Nova Iorque, American Book, 1960; W. J. Goode, *World Revolution and Family Patterns*, Nova Iorque, The Free Press, 1963; J. Kellerhals et al., *Mariages au quotidien*, Lausana, Marcel Favre, 1982; J. Kellerhals et al., «Une relation sans échange: rituels du couple dans un genre de littérature populaire», in *Revue suisse de sociologie*, 1981 (7), pp. 1-24; J. Kellerhals et al., *Microsociologie de la famille*, Paris, PUF, 1984; L. Roussel, *La Famille incertaine*, Paris, Odile Jacob, 1989.

⁴ O dualismo evolucionista e simplificador desta perspectiva foi fortemente criticado, de modo distinto, por autores como: M. Segalen, *Sociologie de la famille*, Paris, Armand Colin, 1981, pp. 99-121; M. Segalen, *Mari et femme dans la société paysanne*, Paris, Flammarion, 1980; L. Tilly e L. Scott., *Women, Work and Family*, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1978; J.-L. Flandrin, *Les amours paysannes: amour et sexualité dans l'ancienne France (xv^e-xix^e siècles)*, Paris, Gallimard-Julliard, 1975; H. Medick e D. Sabeau (eds.), *Interest and Emotion — Essays on the Study of Family and Kinship*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984; R. Sennett, *Tyrannies de l'intimité*, Paris, Seuil, 1974; Jack Goody, *The Development of Family and Marriage in Europe*, Cambridge, Cambridge University

generalidade da população portuguesa ou em algumas das suas franjas (os mais jovens, por exemplo)⁴. Encarada e desejada como um refúgio onde não entrariam as contingências e os interesses materiais do mundo que a envolve, a conjugalidade é maioritariamente representada como um lugar privilegiado de construção de identidade e de troca de afeição, ao serviço da felicidade e da realização individuais.

O estudo dos contextos e dos mecanismos de escolha do parceiro conjugal oferece, no âmbito desta discussão, uma excelente oportunidade para problematizar a ideologia moderna da conjugalidade, isto é, para mostrar como a representação dominante, que apresenta e valoriza essa escolha como acto individual, se enraíza num terreno de «opções» estruturado, na prática, por clivagens sociais determinantes. A representação da escolha como afectiva e casual é cúmplice da prática homogâmica, pois a escolha recai de modo sistemático sobre alguém que ocupa uma posição similar (ou equivalente) no espaço social. Como alguém escreveu com humor, «les flèches de Cupidon ne retombent jamais bien loin»⁵... A *homogamia* surge, assim, como um tema-chave não só para o estudo dos comportamentos e representações conjugais, como também para o das classes sociais. Ocupa, sem dúvida, um lugar de charneira na confluência destas duas tradições de pesquisa.

Do lado do estudo da família, a introdução e o aprofundamento do tema vêm revelar os laços intricados de cumplicidade que se estabelecem entre a emoção e o interesse, o jogo permanente de aproximação entre a esfera individual e a lógica da reprodução de posições, disposições e desigualdades

Press, 1983, capítulo 6 (a ênfase colocada pela Igreja no consentimento e no afecto dos esposos contrariava a lógica dos arranjos matrimoniais). Burguière, por seu turno, propõe várias hipóteses para explicar a importância crescente da articulação entre os sentimentos amorosos e a formação do casal desde o século XVIII na Europa, ao mesmo tempo que sublinha haver então uma correlação entre a posição social e o controle das opções matrimoniais: quanto mais elevada a primeira, maior o segundo [cf. André Burguière, «La formation du couple», in A. Burguière et al. (eds.), *Histoire de la famille*, Paris, Armand Colin, pp. 111-140; v. igualmente James Casey, *The History of the Family*, Oxford, Basil Blackwell, 1989, pp. 7-115, que questiona de novo o esquema evolucionista, o qual postulava a existência de um percurso que conduz do constrangimento à maior liberdade de opção, lembrando o endurecimento do controle sobre o casamento em algumas zonas da Europa no século XIX, no que converge com as observações de Michael Mitterauer e Reinhard Sieder, *The European Family*, Oxford, Basil Blackwell, 1982, pp. 120-139].

⁴ Cf., por exemplo, A. Nunes de Almeida e Maria das Dores Guerreiro, «A família», in L. de França (ed.), *Portugal — Valores Europeus e Identidade Cultural*, Lisboa, IED, 1993, p. 181-218, e *Inquérito à Juventude Portuguesa — Situações, Problemas, Aspirações*, Lisboa, Instituto da Juventude/Instituto de Ciências Sociais, 1989. Para um estudo em profundidade dos valores da conjugalidade moderna em Portugal, cf. A. Torres, *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos*, Oeiras, Celta Editora, 1996.

⁵ M. Bozon e F. Héran, «L'Aire de recrutement du conjoint», in *Données sociales*, 1987, p. 338. Como observam, aliás, Mitterauer e Sieder, *op. cit.*, pp. 135-136, apesar de terem desaparecido na actualidade obstáculos legais e económicos ao casamento, não deveria assumir-se que ele esteja inteiramente liberto de determinantes económicas e sociais.

entre grupos de pertença⁶. Do lado da classe social, a questão da homogamia vem reforçar a pertinência das perspectivas que partem metodologicamente do grupo doméstico para o seu estudo e, através da reconstrução de posições e trajectórias de famílias (e não apenas de indivíduos atomizados), enriquecem a visão do seu enraizamento, longitudinal ou lateral, no espaço de uma comunidade⁷. Foi justamente o que procurámos realizar no âmbito de um estudo sobre sócios das novas empresas constituídas entre 1990 e 1993 em dois concelhos da periferia de Lisboa: Loures e Barreiro⁸.

Se, em etapas anteriores da pesquisa, a reconstituição das respectivas genealogias familiares nos permitiu caracterizar os campos de recrutamento deste universo e as suas diversas trajectórias de entrada na empresarialidade,

⁶ Cf., nomeadamente: A. Girard, *Le Choix du conjoint — une enquête psycho-sociologique en France*, Paris, PUF/INED, 1981; M. Bozon e F. Héran, «La découverte du conjoint», I, «Évolution et morphologie des scènes de rencontre», in *Population* (6), 1987, pp. 943-986, e II, «Les scènes de rencontre dans l' espace social», in *Population* (1), 1988, pp. 121-150; M. Bozon, «Le choix du conjoint», in F. de Singly (ed.), *La Famille — l'état des savoirs*, Paris, La Découverte, 1991, pp. 22-33, e «Apparence physique et choix du conjoint», in *Congrès et colloques*, 1991 (7), pp. 91-110; F. de Singly, *Fortune et infortune de la femme mariée — sociologie de la vie conjugale*, Paris, PUF, 1987, e «Théorie critique de l'homogamie», in *L'Année sociologique*, 1987 (37); J.-Cl. Kaufmann, *Sociologie du couple*, Paris, PUF, 1993; B. N. Adams, «Mate selection in the United States: a summarization», in Burr et al., *Contemporary Theories about the Family*, Londres, The Free Press, 1979, pp. 259-261; M. Kalmijn, «Status homogamy in the United States», in *American Journal of Sociology*, 1991, 97 (2), pp. 496-523; L. Arrondel e C. Grange, «Logiques et pratiques de l'homogamie dans les familles du bottin mondain», in *Revue française de sociologie*, 1993, 34, pp. 597-626.

⁷ Tem havido em Portugal interessantes contributos neste domínio. Entre eles, destacamos: J. Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos: Camponeses Parciais numa Região do Noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1986; N. Lourenço, *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 1991; A. Nunes de Almeida, *A Fábrica e a Família — Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1993; K. Wall, *La Fabrication de la vie familiale. Changement social et dynamique familiale chez les paysans du Bas-Minho* (dissertação de doutoramento), Genebra, Universidade de Genebra, 1994; M. Dores Guerreiro, *Famílias na Actividade Empresarial — PME em Portugal*, Oeiras, Celta, 1996; J. Manuel Sobral, *Trajectos: Produção e Reprodução da Sociedade. Família, Propriedade, Estrutura Social Numa Freguesia Rural Beirã* (dissertação de doutoramento), Lisboa, ISCTE, 1993.

⁸ O universo de que partimos não é, portanto, o das pequenas ou médias empresas e também não é o das empresas familiares, mas o dos indivíduos que criaram naqueles dois concelhos suburbanos novas empresas em anos recentes. Acontece (embora este seja já um resultado da própria pesquisa) que a esmagadora maioria desses indivíduos são recém-chegados à condição empresarial e, portanto, quase sempre novos «empresários».

Os resultados aqui apresentados inserem-se num projecto mais amplo sobre «as condições sociais da empresarialidade», financiado pela JNICT. No seu âmbito foram produzidos dois relatórios, policopiados: A. Nunes de Almeida, J. Ferrão e J. M. Sobral, *As Condições Sociais da Empresarialidade. Novas Empresas e Empresários, Loures, Barreiro, 1990-1993. 1.º Relatório*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1996, e *As Condições Sociais da Empresarialidade. Uma Tipologia das Novas Empresas e Empresários, Loures, Barreiro, 1990-1993*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1996.

o estudo da escolha do cônjuge (e, portanto, da gênese e composição dos casais entretanto formados) abre-nos a possibilidade de entender o modo como o grupo se aproxima ou distancia de outros grupos no espaço social. A conjugação dos dois olhares conduz-nos, assim, à construção da posição multifacetada do grupo doméstico na estrutura social — e, com ela, a uma visão das clivagens que a afectam.

O facto de a escolha do parceiro conjugal recair, nas sociedades ocidentais actuais, sobre alguém que partilha a mesma condição social ou uma condição equivalente no momento do casamento pode ser metodologicamente encarado sob duas perspectivas. Como *estrutura*, a homogamia é descrita enquanto resultado estático, efeito acabado da troca ou da partilha de capitais (escolares e profissionais) num cenário de posições ocupadas ou trajectórias transportadas; como *processo*, pelo contrário, é abordada enquanto mecanismo, jogo de mediações concretas através do qual os indivíduos se põem efectivamente em contacto com uns e se mantêm à distância de outros. Entre estas mediações destacam-se, por exemplo, os percursos de socialização e os locais de sociabilidade próprios das diferentes classes sociais, os juízos de valor e as categorias de percepção sobre o outro sexo⁹. Detemo-nos, de seguida, nestas duas dimensões em causa.

2. ESCOLHA DO CÔNJUGE: ESTRUTURA SOCIAL E AFEIÇÃO

Um *inquérito postal*¹⁰ revelara-nos já a considerável proximidade entre as posições sociais de partida dos indivíduos que são hoje sócios de empresas e as dos seus parceiros conjugais. Efectivamente, e tendo em conta tanto os respectivos níveis escolares como as primeiras profissões dos actuais sócios e as dos respectivos cônjuges, notámos como estes dois indicadores os aproximam.

As informações recolhidas sobre o *perfil escolar* dos cônjuges mostraram, por um lado, a ausência de sinais de «analfabetismo» (igualmente registada entre os sócios, que são maioritariamente do sexo masculino), o peso dos graus mais baixos de ensino (32% com o ensino primário, 28% com o ensino preparatório/curso industrial ou comercial — percentagens maiores do que

⁹ Atendendo à composição sexual da população de sócios inquiridos (70% são homens), é, obviamente, a visão masculina que predomina na abordagem desta dimensão processual da homogamia. Com esta limitação, não deixaremos, contudo, de nos referir aos distintos olhares de umas e de outros sobre o parceiro que vêm a escolher para casar.

¹⁰ Aplicado em Dezembro de 1994, o inquérito postal dirigia-se a um universo de 2392 novas empresas de Loures e do Barreiro. A amostra resultante das respostas abrangeu 290 empresas, mas reproduziu, com grande fidelidade, os contornos do universo de partida. O inquérito incluía perguntas sobre a empresa e sobre as características sócio-biográficas de todos os seus sócios.

entre os sócios), a expressão modesta dos diplomas mais qualificados (23% com um curso médio, 17% com o ensino superior). O universo das suas *profissões*, por outro lado, revela-nos um conjunto de ocupações muito próximas daquelas que possuíam os actuais sócios antes de terem acedido à condição empresarial: domínio esmagador das situações de trabalho por conta de outrem (as situações de trabalho por conta própria não ultrapassam, em média, os 10%); importância de ocupações como as de «empregado administrativo», «operário e trabalhador da indústria», «pessoal do comércio e da hotelaria», face a uma menor expressão das profissões mais qualificadas (como as de «técnico médio ou profissional intermédio», «profissão científica e intelectual» ou «pessoal dirigente»). Variam, no entanto, as representações percentuais nas duas populações (sócios *vs.* cônjuges) de uma ou outra categoria, o que, em certa medida, se prende com a maior precariedade do universo escolar e a composição sexual da população de «cônjuges»; é menor entre estes o peso das «profissões dirigentes» (5% contra 7%), das «intermédias» (6% contra 13%), das «operárias» (5% contra 22%) e mais extensa, em contrapartida, a franja de «inactivos» (11% contra 6%), facto que, obviamente, se relaciona com os casos frequentes de esposas «domésticas».

Estes dados permitem-nos concluir, primeiro, que a escolha do cônjuge acontece, em grande parte dos casos da biografia individual dos actuais sócios, em momentos anteriores à sua entrada na empresarialidade. E notamos, depois, que, se a montante a reconstrução das genealogias familiares nos mostrara o predomínio das ascendências não empresárias, também a escolha do parceiro revela igualmente a ausência de contactos com meios empresariais.

O material recolhido através das *histórias de vida* trouxe contributos enriquecedores àquela primeira abordagem genérica¹¹. Permitiu-nos reconstituir caso a caso as posições e trajectórias sociais dos namorados, os seus percursos ou contextos de encontro e os significados que atribuem hoje à sua escolha.

No interior da condição empresarial encontramos fracturas sociais que ressaltam do confronto sistemático dos capitais escolares dos dois parceiros¹². O tipo de clivagem representada pelo capital escolar entre as diferentes franjas de sócios (neste caso, de sócios gerentes) encontra uma tradução significativa na população dos respectivos cônjuges.

¹¹ Estas 40 histórias de vida permitiram-nos reconstituir, nomeadamente, as biografias familiares e profissionais dos actuais sócios gerentes. Gostaríamos de referir e agradecer a colaboração, nesta fase de recolha de informação, de Carla Matias, Catarina Lains, Dulce Santana, Elsa Coimbra, Luís Miguel Silva, Margarida Bernardo, Susana Neves e Verónica Policarpo.

¹² O impacto do capital escolar na configuração dos percursos profissionais dos futuros empresários ficou claramente demonstrado noutra ponto do projecto anteriormente referido. Essa a razão pela qual lhe conferimos um papel de destaque na caracterização da estrutura da homogamia.

Nos quadros I e III sintetizamos resultados obtidos para os três principais subgrupos «escolares» de sócios gerentes. No «topo», uma pequena elite detentora de diplomas de ensino superior. Depois, uma extensa franja intermédia que cursou vias de ensino técnico e profissional. Na «base», uma franja de indivíduos que abandonaram a escola precocemente, isto é, após a conclusão da instrução primária. Comparamos nestes quadros a habilitação escolar e a trajectória profissional de Ego até à entrada na condição empresarial com a habilitação escolar e a ocupação profissional do respectivo cônjuge (a ocupação presente ou, nos casos em que este é sócio de Ego numa empresa familiar, a imediatamente anterior). A sua leitura mostra-nos como, invariavelmente, os mais dotados em recursos escolares se ligam igualmente a parceiros com as mais qualificadas carreiras no ensino e, do mesmo modo, como os mais desfavorecidos nesses dotes não recuperam nem suavizam, no momento do casamento, a sua posição desvantajosa de partida — muito pelo contrário, conservam-na e reforçam-na.

Protagonistas de carreiras escolares de sucesso, detentores de diplomas de ensino superior (bacharelato, licenciatura, pós-graduação, mestrado), os sócios gerentes de «topo»¹³ (quadro I) estão hoje casados com mulheres que, por seu turno e tendo em conta a geração a que pertencem, constituem uma franja da população feminina com lugares confortáveis na hierarquia escolar. Frequentaram ou concluíram um curso universitário, obtiveram um diploma do ensino secundário e são hoje mulheres com uma actividade profissional exercida por vezes em paralelo com a condição de sócias do marido. A mobilidade social entre esta geração e a dos pais é frequentemente notória, tendo passado justamente pela aquisição destes diplomas escolares de nível universitário.

É o caso de António, nascido em Coimbra há quarenta e um anos, um dos sete filhos de um casal de professores primários. Licenciado em Engenharia Mecânica, começa por trabalhar como técnico superior no Ministério da Indústria e, mais tarde, no do Ambiente. A sua carreira como trabalhador assalariado, sedimentada através de ligações sólidas e duradouras com os empregadores, é claramente ascendente e permite a António acumular capitais (técnicos, profissionais, sociais) que virá mais tarde a rendibilizar noutros projectos de actividade: «na lógica de uma longa experiência», começa a trabalhar, há uns anos atrás e em paralelo, por conta própria. Conservando o seu estatuto de alto funcionário no Ministério, decide constituir em 1992 com a mulher, no concelho de Loures, uma sociedade por quotas na área de «consultadoria», prestando serviços a «empresas que queiram desenvolver sistemas de garantia de qualidade». Aquela, com 50 anos de idade, natural do Porto e professora do ensino secundário, é licenciada em História e em Serviço Social, estando a terminar um mestrado em Ciências da Educação.

¹³ Vale a pena esclarecer a composição etária desta população. Os sócios repartem-se equilibradamente por três principais grupos: 30% têm uma idade compreendida entre 35 e 44 anos, 24% entre 45 e 54 e outros 23% entre 25 e 34 anos.

Sócios gerentes e parceiros conjugais
Os diplomados do ensino superior/os licenciados

[QUADRO I]

Habilitação escolar e percurso profissional de Ego até à entrada na condição empresarial	Habilitação escolar e ocupação profissional do cônjuge
1836, António <ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Engenharia Mecânica;• Quadro superior da função pública.	<ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em História e Serviço Social, Mestrado em Ciências da Educação;• Professora do ensino secundário.
2306, João <ul style="list-style-type: none">• Mestrado em Engenharia de Estruturas;• Engenheiro na Função Pública, em empresa de construção civil.	<ul style="list-style-type: none">• 9.º ano;• Artista plástica.
647, Joaquim <ul style="list-style-type: none">• Bacharelato em Ciências Sociais e Políticas;• Quadro técnico em empresa de máquinas e ferramentas.	<ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Medicina;• Pediatra.
2604, Mário <ul style="list-style-type: none">• 1.º ano do curso de Farmácia;• Fisioterapeuta (função pública).	<ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Ciências Físico-Químicas;• Professora do ensino secundário.
1696, Carlos <ul style="list-style-type: none">• Licenciatura no ISCTE;• Vendedor ambulante de vinhos e sapatos; motorista; empregado administrativo numa companhia de seguros; director financeiro na mesma empresa.	<ul style="list-style-type: none">• 7.º ano do liceu;• Empregada bancária.
760, Luís <ul style="list-style-type: none">• Licenciatura e pós-graduação no ISCTE;• Empregado de restaurante; empregado numa multinacional; quadro em empresa de estudos de mercado.	<ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Gestão;• Gestora.
1827, Rui <ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Engenharia Química;• Armador de ferro na construção civil; empregado do comércio; quadro superior em empresa.	<ul style="list-style-type: none">• Licenciatura em Direito;• Advogada.

Também o casal constituído por Carlos e pela mulher ilustra bem a estrutura homogâmica da escolha conjugal no interior desta franja privilegiada do nosso universo empresarial. Carlos é filho de trabalhadores agrícolas de Aljubarrota que em finais da década de 50 migram para os arredores de Lisboa; os pais tornam-se então rendeiros de uma quinta, «como havia muitas à volta de Lisboa», em Camarate. «Os proprietários da quinta foram ficando velhotes e o meu pai ficou responsável por tudo, a parte agrícola», refere. Hoje, com 40 anos, sublinha o facto de ter já nascido e vivido, com os seus 7 irmãos, nesse «espaço fechado [...] portanto a rapaziada nova só saíamos da quinta para ir à escola ou para o liceu... ou ao domingo ir à missa [...] Eu costumo dizer que daquela quinta para dentro era como se vivêssemos na aldeia onde os meus pais nasceram...» A sua carreira profissional, iniciada muito precocemente e construída a par de um fortíssimo investimento pessoal no projecto escolar, tem um sentido claramente ascendente, que passou por ocupações muito diversificadas. De resto, penetrou no mundo do trabalho desde cedo: «Em miúdo» e durante as férias escolares Carlos faz trabalho agrícola na quinta — «tudo o que era necessário». Essa experiência revela-se, aliás, na reflexão que hoje faz sobre as diferenças de vivência existentes entre si e os seus irmãos e os restantes colegas: «[...] há um pormenor, que é interessante, que retrata bem a situação: os meus colegas da escola ou do liceu ficavam muito contentes quando iam de férias; eu e os meus irmãos era exactamente o contrário, eu gostava era do tempo de escola, porque enquanto ia para a escola não tinha de trabalhar no campo...» Conseguindo sempre excelentes resultados, prossegue sem interrupção os estudos até ao 7.º ano do liceu, mas aproveita as férias e os fins de semana para ganhar dinheiro, trabalhando na zona norte de Lisboa como «vendedor ambulante», «ajudante de distribuidor de vinho lá da quinta», «motorista». Aos 18 anos, «com a cunha de um filho do proprietário da quinta», consegue emprego numa seguradora como «empregado de seguros». Interrompe então os estudos «durante uns oito, nove anos», mas retoma-os mais tarde, matriculando-se, à noite, no curso de Organização e Gestão de Empresas do ISCTE. Trabalha, entretanto, na direcção financeira da companhia de seguros durante treze anos; emprega-se, depois, como responsável pelo departamento de contabilidade, numa empresa de consultoria e auditoria empresarial americana, onde permanece dois anos. Insatisfeito com o ambiente de trabalho que lhe era «exigido ou imposto», sai e entra em 1993 para a C. — onde ainda hoje se mantém — como responsável financeiro e administrativo. Em 1993 constitui, com um colega, «um gabinete de serviços na área contabilística e fiscal», sediado em Camarate, onde trabalha «mais à noite e ao fim de semana». Conhece a mulher durante a adolescência nesta freguesia, onde ambos residiam; esta, da mesma idade, possui o 7.º ano do liceu e é hoje

empregada bancária. «Como arranjou emprego num banco relativamente cedo, acomodou-se e não voltou a estudar mais, digamos assim.»

João, de 38 anos, é natural de Lisboa e tem um mestrado em Engenharia de Estruturas. Mantendo a sua actividade assalariada como «engenheiro civil num hospital», constituiu em 1990, com o pai (barreirense, reformado, ex-empregado de fábrica), uma sociedade por quotas no Barreiro cuja actividade principal é a realização de «estudos e projectos de construção civil (obras públicas)». Vive em união de facto («não existe qualquer compromisso formal») com a mulher, de 36 anos, natural de Angola, divorciada. Esta apenas possui o 9.º ano de escolaridade, mas o capital adquirido pela posição que reivindica no campo cultural — é artista plástica — pode ter verosimilmente constituído um ponto de aproximação, tornando de certo modo equivalentes os recursos formalmente distintos de cada um.

O percurso escolar do segundo subconjunto de empresários (quadro II) terminou em níveis inferiores ao ensino universitário. A grande maioria percorreu as vias do ensino técnico e profissional (o que lhes abriu, de resto, a porta para sólidos percursos profissionais qualificados quer na oficina industrial, quer no ramo do comércio) ou ficou pelos últimos patamares do ensino secundário. Podemos constatar, consultando o quadro II e comparando-o com o antecedente, que desceu também o nível escolar dos respectivos cônjuges: não encontramos nenhuma licenciada e fazem-se representar ora os mesmos graus do ensino técnico, ora os da instrução primária (6.ª ou 4.ª classes).

Três exemplos concretos ilustram bem estas situações. Alfredo, natural do Barreiro, com 53 anos, é filho único («o morgado») de um casal de operários, ambos com a 4.ª classe: a mãe era operária na fiação de juta da CUF e o pai maquinista dos comboios na mesma companhia. Começa a trabalhar como empregado de balcão aos 12 anos de idade; entra, aos 14, no Grémio do Comércio, onde «batia à máquina, atendia lá uns clientezitos...». Aos 17, na década de 60, e graças ao facto de os pais já lá trabalharem, consegue entrar para a CUF, onde percorre uma consistente carreira operária. Começa como cardador; em seguida vai para «o controle de qualidade [...] frequentei um curso de encarregados, passei a encarregado de determinada secção onde fui operário, depois passei a encarregado geral e fiquei a superintender outros encarregados». Enquanto trabalhava tirou o curso comercial. Aos 45 anos, porém, tem um enfarte e é obrigado a reformar-se, tendo sido convidado para integrar o quadro de técnicos de uma empresa de estudos de mercado então associada do grupo CUF. Tem hoje uma empresa em nome individual de «prestação de serviços» na área de realização e controle de entrevistas. A mulher, «filha de mãe solteira e analfabeta» — o estrato mais desprivilegiado da sociedade rural —, natural da Sertã, com 50 anos, terminou o curso geral de química e é hoje funcionária pública, escriturária num serviço público do Barreiro.

**Sócios gerentes e parceiros conjugais
As vias de ensino técnico e profissional**

[QUADRO II]

Habilitação escolar e percurso profissional de Ego até à entrada na condição empresarial	Habilitação escolar e ocupação profissional do cônjuge
<p>1763, <i>Alberto</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso industrial; • Aprendiz e operário espingardeiro; operário no Depósito Geral de Guerra em Beirolas; técnico no LNETI. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Costureira em alfaiataria; doméstica (após o nascimento do filho).
<p>306, <i>José</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso industrial; • Operário nas Oficinas Gerais de Aeronáutica em Alverca. 	<ul style="list-style-type: none"> • 7.º ano do liceu; • Empregada administrativa (função pública).
<p>2584, <i>Alfredo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso geral do comércio; • Empregado de comércio; operário na QUIMIGAL (cardador); encarregado geral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Curso industrial; • Escriturária (função pública).
<p>39, <i>Conceição</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ciclo; • Costureira em fábrica; operária de confecção. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Motorista de uma empresa de mudanças.
<p>1883, <i>José Alberto</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 9.º ano; • Empregado administrativo; comissionista de vendas. 	<ul style="list-style-type: none"> • 12.º ano; • Empregada bancária.
<p>2438, <i>Amália</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escola comercial; • Empregada bancária. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escola comercial; • Empregado administrativo.
<p>781, <i>Américo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso comercial; • Marçano; empregado do comércio; empregado administrativo. 	<ul style="list-style-type: none"> • 6.ª classe; • Doméstica.
<p>1169, <i>Fernando</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso industrial; • Empregado em empresa de ar condicionado; empregado na construção civil; técnico de condições de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Curso do magistério primário; • Professora do ensino básico.

Habilitação escolar e percurso profissional de Ego até à entrada na condição empresarial	Habilitação escolar e ocupação profissional do cônjuge
<p>94, Jaime</p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso comercial; • Vendedor, empregado comercial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Curso comercial; • Empregada escritório.
<p>1386, Júlio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Curso comercial; • Operário em fábrica de ferragens; empregado em fábrica de borrachas; encarregado em fábrica de ferro forjado. 	<ul style="list-style-type: none"> • 2.º ano do ciclo preparatório; • Encarregada em loja.
<p>1659, Álvaro</p> <ul style="list-style-type: none"> • 9.º ano; • Técnico numa empresa química. 	<ul style="list-style-type: none"> • 12.º ano; • Escriturária.
<p>713, Eduardo</p> <ul style="list-style-type: none"> • 7.º ano do liceu; • Empregado de balcão em <i>snack-bar</i>; empregado de ourivesaria; empregado em empresa de venda de livros. 	<ul style="list-style-type: none"> • 7.º ano incompleto; • Doméstica.

Fonte: *Biografias dos Novos Empresários de Loures e do Barreiro*, Dezembro de 1996.

Viúva, natural de Fonte do Feto (Barreiro), 51 anos, Amália montou com os dois filhos, em 1991, um restaurante. Possui o 5.º ano da escola comercial e, para além de sócia gerente dessa empresa familiar, é empregada bancária há mais de trinta anos. Herdou «o bichinho do negócio» do pai, antigo agricultor e dono de «um comércio» no Barreiro, onde trabalhava em miúda com os seis irmãos — «uma taberna naquela altura... mercearia, padaria, a vender agulhas e alfinetes e bacalhau, arroz e açúcar. Portanto, todas aquelas coisas que se vendiam na província...». Acordeonista desde criança, tendo realizado muitos espetáculos, hoje valoriza o serviço do restaurante com «música ao vivo». Mantém vivo o amor pela música (que apresenta, de resto, como uma razão da sua vida): «fazia música, estudava música, tocava música, tudo quanto era relacionado com a música, tudo fazia [...] Eu nunca abandono a música na minha vida, só quando eu não puder com o acordeão... Isto é uma paixão, de resto, que eu tive; é a minha única paixão, acho eu. Hoje é. Porque no banco eu sou obrigada a trabalhar, e no restaurante também sou obrigada a trabalhar, e a música ninguém me obriga a tocar, eu só toco porque quero. E eu acho que é a única coisa que eu tenho na vida, que sou livre, é a música.» O seu falecido marido era natural de Castro Verde, Baixo Alentejo, e possuía, como ela, o 5.º ano do curso comercial.

Júlio, natural de Lisboa, 57 anos, concluiu também o antigo curso comercial. É, desde 1992, sócio gerente de uma sociedade por quotas no concelho de Loures cuja actividade principal consiste na «venda de ferro forjado decorativo para fazer portões, grades, janelas, varandas». Trabalhou sempre «ligado à parte daquilo que nós dizemos também, entre aspas, a ferrugem... sempre à volta onde há ferro, ferrugem, ferramentas...». No decurso de uma longa vida de trabalho assalariado, foi tendo inúmeros empregos em várias oficinas — «sempre em firmas de ferragens». Há cinco anos, a ameaça de desemprego foi decisiva para a constituição da empresa, em sociedade com um antigo cliente da firma onde trabalhava: «Ele é capitalista, eu sou trabalhador... não tinha outra opção aos 52 anos de idade.» Está casado com uma lisboeta de 53 anos, com o 2.º ano do ciclo preparatório (completado já em adulta), encarregada numa loja.

Como acabamos de ver, as escolhas conjugais destes três empresários reflectem, afinal, num patamar intermédio do sistema de ensino, a coincidência ou proximidade escolar entre estes e os cônjuges. Proximidade que voltamos a encontrar no caso da franja empresarial mais desfavorecida (quadro III). Os sócios gerentes com itinerários escolares mais curtos (apenas a 4.ª classe) casam, todos eles, com parceiros de condição escolar idêntica — reforçando, portanto, com o casamento, a sua posição desvantajosa de partida. A presença de esposas domésticas neste universo é, justamente, um sinal disso.

Aos 39 anos de idade, Arménio, natural de Lisboa, com a 4.ª classe, é sócio gerente de uma oficina de «pintura e bate-chapas de automóveis» no concelho de Loures. Filho de um trabalhador do sector de ourivesaria/joalheria, com o 2.º ano do curso comercial», e de uma doméstica («a minha mãe não tinha estudos... cuidava da lida da casa, da comida e dos sete filhos»), começa a trabalhar ainda na infância. Aos 10 anos e meio era «empregado de balcão, a vender *lingerie* de senhora». Com 15 vai para a construção civil e aos 17 para «pintor de móveis metálicos»; volta para as obras como pintor e, mais tarde, emprega-se na oficina de um irmão como «pintor de automóveis». Aos 33 anos resolve «montar o negócio» e largar a sua condição de assalariado: «Pensei: ou é agora ou nunca mais. É a minha vontade de querer, a minha vontade de trabalho, de muito trabalho, de muita luta.» Vive em união de facto com a mulher, também lisboeta e da mesma idade, com a 4.ª classe, doméstica desde o nascimento do segundo filho do casal.

Em 1990 Fátima montou em Loures, com o marido, uma sociedade por quotas dedicada à «produção e distribuição de batata frita». Nascida em Oliveira do Hospital — «próximo da serra da Estrela» — há quarenta e três anos, numa família de agricultores «sem estudos», possui a 4.ª classe. «Sai de casa dos pais muito nova», sendo posta a servir numa casa do Porto e, mais tarde, em Lisboa. «Sofri muito [...] Chegaram-me a bater porque eu tinha comido uma posta de bacalhau e eu não tinha mexido no bacalhau... foram situações muito duras, ainda era naquele tempo em que as empregadas domésticas comiam na cozinha, a loiça dos patrões não era igual à dos empregados [...] e depois uma pessoa passava o Natal, a Páscoa, sozinha... foi muito duro.» Casa aos 18 anos

«e as dificuldades também foram bastantes, não aprendi profissão nenhuma, como sabe, empregada doméstica não é profissão». O marido, igualmente com a 4.ª classe, natural de Seia, instalara-se com o pai em Lisboa, trabalhando como operário no sector das obras públicas e construção civil. O percurso profissional de sobrevivência de Fátima é bem atribulado, como o demonstra a lista das suas ocupações após o casamento: empregada numa fábrica de candeeiros; sócia (com os irmãos) de um supermercado na Póvoa de Santo Adrião («abri, trespassei»); vendedora e distribuidora (com o marido) de «iogurtes, vinhos e refrigerantes» na região de Loures; outro supermercado montado com os irmãos («e eles depois não se entendiam... abri, trespassei»); novo supermercado com o marido na sua zona de residência («também foi bom, mas foi um negócio de

**Sócios gerentes e parceiros conjugais
Os diplomados da instrução primária**

[QUADRO III]

Habilitação escolar e percurso profissional de Ego até à entrada na condição empresarial	Habilitação escolar e ocupação profissional do cônjuge
<p>467, <i>Filipe</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Pintor da construção civil; pintor decorativo; operário da construção civil. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Doméstica e costureira em casa.
<p>1362, <i>Fátima</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Criada de servir; empregada numa fábrica. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Operário fabril.
<p>2151, <i>Arménio</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Empregado de balcão; operário da construção civil; pintor de móveis; pintor da construção civil; pintor de automóveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Doméstica.
<p>1128, <i>Manuel</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Empregado em casas de estofos e decoração; encarregado do mesmo ramo. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Doméstica.
<p>1467, <i>Augusto</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Operário corticeiro; carpinteiro da construção civil; operário mecânico; vendedor da Moulinex. 	<ul style="list-style-type: none"> • 4.ª classe; • Empregada do comércio.

que o meu marido nunca gostou, o negócio de porta aberta, estar a atender o público, ele não gosta de comunicar, é uma pessoa muito pacata»). Finalmente, em 1990, aproveitando um terreno entretanto adquirido, arrancam com o negócio da batata frita — até hoje um sucesso.

Em suma, a descrição dos perfis escolares dos empresários e dos seus parceiros conjugais mostra-nos como, dos níveis superiores de ensino aos mais baixos, é notória a sua pertença aos mesmos universos sociais (ou a universos muito próximos), pelo que a lógica de reprodução da desigualdade social também se revela no momento do casamento e da constituição do casal. Tomando apenas os dois extremos da hierarquia, verificamos que nenhum dos licenciados tem como parceiro alguém com um nível de instrução equivalente à instrução primária — nem tão-pouco algum sócio gerente com a 4.^a classe casou com alguém com diploma universitário. Se o nascimento e a posição do grupo doméstico de orientação no espaço social marcam decisivamente o destino social do indivíduo, também a constituição do casal, um dia mais tarde, não vai contrariar substancialmente o privilégio ou o desfavor em que ela se traduz. Vale a pena sublinhar este facto em sociedades onde, como já nos referimos, os comportamentos familiares (e nomeadamente os matrimoniais) não obedecem rigidamente a regras codificadas, preestabelecidas, exteriores aos indivíduos. Tal não significa, porém, que a escolha «privada» do parceiro não se deixe modelar pelos condicionaisismos e clivagens sociais. As estruturas sociais incorporadas sob a forma não consciente de *habitus* — reveladas no modo como se fala e do que se fala, veste, anda, come, nos gostos... — funcionam como as matrizes das atracções possíveis, ao mesmo tempo que recordam a cada um os limites sociais do seu desejo. Isto, para além da forte segregação sócio-espacial existente entre membros de classes sociais distintas — territórios de origem, escolas e lugares de sociabilidade —, que impede um convívio aprofundado entre os mesmos¹⁴.

Dado o facto de a inculcação do *habitus* — que começa desde logo no seio da família — se processar a um nível inconsciente e de as suas disposições terem sido naturalizadas — é algo usualmente não questionado —, não constitui óbice que, do ponto de vista das *representações* e aos olhos dos seus protagonistas, essa escolha releve inteiramente da cumplicidade proporcionada pelo *afecto*. Aliás, o idioma do *afecto* constitui a linguagem legítima adequada à descrição do casal. Num tempo marcado pela sentimentalização dos comportamentos conducentes ao matrimónio, quem admitiria — ou o faria de um modo cru — a presença do interesse e da utilidade? Por isso é que insistimos em que, ao reencontrarmos nos testemunhos das histórias de vida que recolhe-

¹⁴ Sobre a relação entre homogamia e *habitus*, v., de entre os vários estudos que o autor dedicou ao tema, Pierre Bourdieu, «De la règle aux stratégies», in *Choses dites*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1987.

mos os ideais do namoro e da conjugalidade modernos — união sentimental entre duas pessoas singulares, livres e não conduzidas por interesses familiares ou sociais —, estamos a tratar de representações dos mesmos (o que não indicia falsidade dos testemunhos).

A ideia do «acaso» e da «imprevisibilidade» associada ao «apaixonar-se» ilustra justamente esta representação universal da escolha como resultado do jogo das emoções. «Foi obra do acaso. Nem esperava, mas acontece. É a vida, lá está. De um momento para o outro surge nem se sabe como. Se quer que lhe diga, aconteceu, nem sei como», declara Arménio (4.ª classe, sócio de uma empresa por quotas de base conjugal¹⁵). Ou, como afirma Mário (curso médio, igualmente sócio de uma empresa por quotas de tipo conjugal): «É difícil, é difícil a gente explicar... aquela história de amor à primeira vista, que a gente não sabe explicar, não é? Talvez isso.» Ou ainda Álvaro (9.º ano, sócio de uma empresa por quotas de tipo nuclear): «Não faço ideia, na altura... foi amor à primeira vista.»

Se a representação da escolha do parceiro como pulsão do coração aproxima as várias franjas da população de sócios gerentes em torno de um mesmo ideal, a reconstituição dos «lugares de encontro» que a proporcionaram volta novamente a introduzir clivagens no seu interior. Permite-nos ainda perceber alguns dos *processos* e *contextos* através dos quais efectivamente se produz a selecção de parceiros.

3. LUGARES E CONTEXTOS DE INTERACÇÃO

O conhecimento dos namorados em idades jovens no denso espaço público da comunidade da vizinhança ou do trabalho, característico das franjas mais desfavorecidas de empresários, contrasta com os cenários mais selectivos e fechados que rodeiam os encontros, em idades mais tardias, entre as camadas mais favorecidas. Alguns exemplos permitem-nos ilustrar estes dois campos de recrutamento dos futuros cônjuges, distintos na natureza das *mediações* e das fronteiras que marcam os seu perímetros, perante as quais se define a distância entre o dentro e o fora, o semelhante e o diferente.

A aldeia, a rua à porta da casa dos pais, a escola primária, o baile na sociedade, os primeiros trabalhos no campo ou na fábrica (realizados em idades muito precoces), são os locais de encontro da futura esposa mais refe-

¹⁵ Os sócios das empresas do nosso universo estão, muitas vezes, ligados entre si por relações de parentesco: de tipo *nuclear*, quando envolvem pais e filhos; de tipo *conjugal*, quando incluem marido e mulher; de tipo *clã*, quando envolvem parentes diversos, tanto em linha vertical, no sentido ascendente ou descendente, como horizontal; ou, ainda, as de *fratria*, quando os sócios são irmãos. Utilizamos aqui a tipologia proposta por M. Dores Guerreiro, *Famílias na Actividade Empresarial — PME em Portugal*, Oeiras, Celta, 1996.

ridos pelos sócios gerentes que nasceram em meio rural ou nos bairros populares da cidade de Lisboa — ao mesmo tempo que deixam passar a ideia de que «desde sempre se conheciam». Neste caso, a escolha ocorre num espaço de amizades de infância, marcado por relações familiares e vicinais de interconhecimento — os dois namorados são da «mesma criação». Temos aqui um outro sinal de como a população em causa tem uma origem social desfavorecida e popular.

Arménio conhece a mulher há vinte e um anos na Pontinha. Então, com 19 anos, estava «agregado à pintura automóvel» e ela, com 18, «era costureira». Viviam no mesmo bairro: «Não, a gente praticamente... foi uma longa história. Nós fomos criados juntos, andámos na escola juntos, depois é claro... ela tinha uma vida e eu tinha outra, cada um andava no seu trabalho. Um certo dia a gente encontrou-se.» Pedro, casado há vinte e sete anos, não hesita em afirmar que «nessa altura» as pessoas casavam com vizinhos; conhece naturalmente a mulher «desde crianças, éramos vizinhos... (em Bucelas), via-a dia sim, dia não... nessa altura havia bailaricos». Inácio, natural de Seia, encontra a sua quando migra para a cidade: «Foi quando vim para Lisboa que conheci a minha esposa. Olhe, por acaso, conhecemo-nos na rua onde eu trabalhava... exactamente... dessa vivência que eu frequentava a casa, de uma série de encontros e como éramos praticamente vizinhos, foi a partir daí que viemos a travar conhecimento.» Alfredo, por seu turno, evoca o seu «longuíssimo» namoro com uma filha do Barreiro, sua vizinha: «Nós namorámos — não se vão rir —, olhe nós começámos a falar ela tinha 13 anos, eu tinha 16, casei com 28, veja lá o namoro! Foi um namoro de infância. Nós éramos conhecidos, vivíamos na mesma rua, namoro da escola.»

Namoros «de infância», entre «gente da mesma criação», surgem igualmente no meio rural. E, tal como nos primeiros, reportam-nos às estratégias familiares de socialização das crianças: uma estada curta na escola, uma entrada precoce no mercado precário dos empregos agrícolas ou industriais. Em Portel, Filipe conheceu desde sempre a futura mulher: «Sempre, não é... da escola... é daquelas coisas que, pronto, quer dizer, a pessoa nunca mais se vê livre, não é?... Éramos vizinhos, vizinhos, digamos que eu morava numa rua e ela morava duas ruas a seguir... mas toda a gente se conhece, toda a gente convive... O namoro começou, de pequenino, não é? Chegámos a trabalhar juntos no campo também, na apanha da azeitona, a fazer carvão, etc., não é... tirar cortiça dos sobreiros e essas coisas todas que se faziam e que se fazem lá no Alentejo [...] e depois a gente frequentava a sociedade e vários bailaricos e tal... aquelas coisas todas, pronto.» A propósito de Nisa, a sua terra natal, Alberto reconhece no seu namoro idênticas características. Afirma: «Então andámos na escola uns com os outros, conhecia já de pequeninos, aquelas terras ficam muito perto, é pertinho, está quase ligado.» Em Grândola, Augusto conhece a mulher numa fábrica de cortiça: «Eu quando conheci a minha esposa devia ter para aí os meus 17. Ela tinha para aí uns

13. Trabalhávamos na fábrica de cortiça. Eu trabalhava lá primeiro que ela, ela depois é que veio a seguir... mas trabalhámos lá muitos anos, eu trabalhei... sei lá, fui para lá aos 13, trabalhei lá sete anos e ela foi para lá também aos 13, mais ou menos, trabalhou lá até casar.»

O espaço de recrutamento do parceiro define-se não só pela sua inclusão ou proximidade em relação à comunidade de origem do próprio, como ainda está marcado pelos trilhos dos modos de socialização e das práticas de sociabilidade através dos quais se criam as crianças e os grupos se inter-relacionam. É a presença envolvente deste contexto de orientação que assegura uma escolha acertada, isto é, realizada dentro das suas teias e — portanto — recaindo sobre um semelhante. É neste contexto que se formou também lentamente o «*habitus*».

O caso de Fátima apresenta alguma especificidade relativamente aos anteriores. Sem o filtro protector da colectividade local, é exemplo de um namoro anónimo de rua, fruto do acaso, que enlaça dois indivíduos de origem rural, totalmente desconhecidos, recém-instalados em Lisboa — partilhando, porém, origens humildes reproduzidas na sua instalação em meio urbano. Com 18 anos, natural de Oliveira do Hospital, Fátima era criada de servir numa «casa de senhores» e José, então de 25, nascido em Vide (Seia), trabalhava na distribuição de refrigerantes e vinhos. Não se conheciam, ninguém os apresentou: «Não, nós conhecemo-nos casualmente na rua, eu portanto passava todos os dias no local onde ele trabalhava, que era ali ao pé do campo da FNAT, agora é o Estádio 1.º de Maio, era aí mesmo que nós trabalhávamos. E então ele trabalhava ali no armazém, trabalhava todos os dias de manhã e eu trabalhava numa vivenda mais à frente, havia ali um estabelecimento muito próximo, eu vinha às compras e casualmente conhecemo-nos.» Esta escolha directa no espaço público aberto, sem mediação nem intermediário, aparece, pois, como uma excepção — mas à partida orientada pelo facto de nele circularem justamente os deserdados que, em busca de sobrevivência, são trazidos pelas correntes migratórias para a capital. A partilha da «condição de rua» selecciona, portanto, o perfil homogâmico da escolha.

Vale a pena notarmos, por outro lado, como, sob a linguagem do sentimento e do acaso, os protagonistas da escolha são capazes de reconstruir a racionalidade social que, afinal, lhes está implícita e veio a aproximá-los — descrevem pormenorizadamente lugares, situações, contextos, tipos e ritmos de vida que proporcionam o encontro.

Para a franja de sócios mais qualificada, em termos de capitais escolares e profissionais, os contextos de interacção onde vêm a escolher o(a)s namorado(a)s sugerem outras experiências de socialização e outras formas de sociabilidade. A passagem prolongada pela instituição escolar, a conclusão de níveis de ensino secundário e superior, têm, a este respeito, um papel decisivo.

A escola (liceu ou universidade) assume aqui, com a sua lógica, calendário e actores, o papel estruturante do campo de recrutamento que, nos outros, a comunidade de origem desempenhava. E sobe, com ela, a fasquia da selecção: os níveis mais altos de ensino são apenas frequentados por uma minoria. O espaço de encontros possíveis torna-se não só mais estreito, como mais fechado ao exterior; os namoros tendem, por seu turno, a aproximar jovens em idades mais tardias (como mais tardia é, de resto, a sua entrada no mercado de emprego). Além disso, os recursos, afinidades e gostos incorporados no mundo escolar — que não são apenas os proporcionados pelos *curricula*, mas pela atmosfera social e cultural envolvente — constituem uma teia de interesses e emoções onde se joga a atracção entre futuros cônjuges.

José Alberto, natural de Lisboa, conhece a futura mulher aos 18 anos, «mais coisa, menos coisa», na escola secundária. Residia então na zona do Castelo de São Jorge. Joana, natural de Aldeia Galega, morava com uma tia: «Ela estava cá a estudar, em casa de uma tia.» Conhecem-se num «jogo de pingue-pongue» organizado pela escola. António, licenciado em Engenharia Mecânica, conhece a mulher, licenciada em História, no «fim do curso»: «Éramos os dois estudantes... conhecemo-nos num grupo de trabalho... naqueles grupos de jovens... estudávamos vários temas.» Manuela, com o 5.º ano do liceu, conhece o marido (de quem hoje está divorciada), através de amigos comuns, no Instituto Britânico, onde aperfeiçoava o seu conhecimento de inglês. Quanto a Mário, na altura residente em Luanda e professor de natação, encontra a futura mulher entre as suas alunas: «Ela já era professora, eu na altura estava na tropa, e a gente conheceu-se na natação. Ela como aluna.» Rui, licenciado em Engenharia Química, conhece Isabel, licenciada em Direito, no «primeiro emprego a sério, na formação... namorámos um ano e depois casámos». Também Constantino e Filomena eram colegas de trabalho. Detentor do curso de Contabilidade do ISCAL, conhece a mulher «tinha eu 27 anos. Ela é engenheira química e trabalhava para a minha empresa. Ela era chefe de laboratório, eu era chefe de contabilidade. E conhecemo-nos lá e olhe, é aquela coisa, sabe como é que é, dá-se umas voltas, conhece-se e tal, e não sei quê. Eu era solteiro, ela também era solteira.» Relativamente ao namoro popular, este distingue-se sobretudo pelo facto de se desenrolar em terrenos de acesso mais restrito: a escola secundária ou superior, o trabalho qualificado.

Tempos de lazer e destinos de férias definem também outros espaços de encontro selectivo, tendencialmente mais bem resguardados de uma entrada indiscriminada do exterior.

O caso de Luís, licenciado em Gestão, é paradigmático da importância selectiva de certos locais de férias e de lazer, reservados a poucos. Luís foi primeiro casado «com uma psicóloga durante quatro anos. Desisti.» Vem a encontrar a segunda mulher, economista, numa estada nas Caraíbas em Julho de 1993. E conta o jogo de acasos que, neste contexto, resulta na sua escolha: «Eu

conheci a minha mulher numa altura em que tinha recebido um prémio da N.» Tendo atingido determinados objectivos de vendas, propôs à empresa que recompensasse todo o pessoal envolvido nesse esforço com uma viagem às Caraíbas. «Nós fizemos o mercado e contactos e todas as pessoas que trabalharam comigo foram às Caraíbas. E então foi aí que a conheci. A minha mulher trabalhava numa empresa americana, e havia um feriado na República Dominicana, e, como ela trabalhava numa empresa americana, vinham para alguns hotéis. Como era feriado, saía-lhes mais barato. E ela, uma operadora e uma contabilista tinham sido gratificadas e estavam nesse hotel.» Ninguém os apresentou: «Conhecemo-nos ao acaso. Ela estava com as amigas a jogar uma moeda para dentro de água. Se cai de um lado ou se cai do outro. Quem é que casa primeiro. Aquelas coisas que as senhoras fazem — estava ela a fazer com as amigas. E, entretanto, eu mandei uma boca: ‘Por que é que não casas comigo?!’ Pronto, e depois, passados uns tempos, começámos a falar, a falar. E a partir daí fui lá oito vezes, casei com ela.» Por mais excêntrico que pareça este encontro, ele não deixa de ter lugar num espaço que apenas alguns podem frequentar, unindo indivíduos de origem distante em termos geográficos, mas curiosamente ambos ligados, embora de modo diferenciado, ao mundo do comércio internacional.

As actividades associativas e a militância política constituem também cenários de encontro. Algarvia, «mas criada em Lisboa», com o 5.º ano do liceu e uma militância activa no PCP, Zita conhece o futuro marido em 1975 na empresa onde trabalhava como secretária. Estava ele então a «cumprir o serviço militar». A afinidade política entre os dois, o lugar polémico dele na empresa, contribuíram decisivamente para a escolha: «A primeira vez que o vi foi quando ele foi cumprimentar o pessoal todo, e depois houve aquele toque, não é? [...] Eu tinha 17 anos... profissionalmente, é engraçado, havia péssima referência dele que me agradava sobremaneira. Era visto como uma pessoa que tinha feito do seu partido o emprego. Eu trabalhava na altura com um dos patrões na secção de estrangeiro, era a única pessoa que estava com ele no gabinete e ouvi muitas vezes o comentário ‘está a chegar o seu partido’... e aquilo a mim agradava-me particularmente; portanto, esta foi a primeira referência.» Carlos, licenciado em Organização e Gestão de Empresas pelo ISCTE, também encontrou a futura mulher, com o 7.º ano incompleto, em plenas manifestações do 25 de Abril. «Eu conheci a minha mulher em 75... por uma situação decorrente da própria revolução. A minha mulher faz anos no dia 25 de Abril. E em 75... pois nós todos tínhamos aquela euforia decorrente dos momentos que se viviam e nós encontrámo-nos nas comemorações, digamos assim, do 25 de Abril. A revolução fazia um ano. Portanto, nós encontrámo-nos um pouco por causa dessa festa, e depois eu tinha as minhas amigas e colegas de escola, e ela também, e alguns conheciam-se, e pronto. E foi o conhecimento. Eu não estou a dizer que nos conhecemos por causa da

revolução, mas, provavelmente, se não fosse aquela comemoração, não nos tínhamos conhecido, pelo menos naquela altura.» Nestes dois últimos casos, as afinidades electivas envolveram empenhamento político comum, maior ou menor.

A participação em movimentos associativos religiosos, tal como a afinidade política, abre outros campos de encontro. Valdemar, com o diploma do ensino secundário tirado na África do Sul, conhece Olga, licenciada em Gestão de Empresas, em Portugal e no quadro da sua pertença e participação na Igreja Evangélica Baptista. «Eu conheci-a... sou membro de uma Igreja Evangélica Baptista e conheci-a lá. Somos os dois membros dessa Igreja, e portanto os trabalhos que fazíamos como juventude, reuniões e retiros e passeios, etc. — as actividades ligadas à juventude —, foi nesse contexto que nos conhecemos.»

Profundamente articulada aos modos de socialização da criança e do jovem prevaletentes nos diferentes meios, às instituições que a promovem (a escola e o trabalho, designadamente) e às formas de sociabilidade que a envolvem, a escolha do parceiro conjugal inscreve-se, assim, no jogo destes processos sociais de selecção. No caso desta população de sócios gerentes, notámos como a escolha se efectua em momentos que precedem a entrada na empresarialidade, como ela recai sistematicamente sobre alguém que, tal como os próprios, possui uma origem exterior ao universo empresarial e como através dela se conservam as clivagens internas e as distâncias entre franjas mais ou menos favorecidas de empresários. No terreno matrimonial — como no das dinâmicas da sucessão — opera-se a reprodução social da desigualdade¹⁶.

1.3. Em suma

A *homogamia* é uma questão relevante no contexto de um cenário teórico de partida que nos proponha uma abordagem do grupo de sócios gerentes a partir de posições e trajectórias de *grupos domésticos* — não só grupos domésticos de orientação (remetendo, a montante, para a reconstrução de genealogias e de meios sociais de origem), como também grupos domésticos de procriação (impondo a reconstituição, ao lado, das lógicas e dos processos de aliança). Caracterizar e perceber a estrutura e os processos da *escolha* do parceiro conjugal tornava-se então um objectivo crucial. Envolve a ideologia moderna da conjugalidade, onde se celebra o carácter afectivo e a privacidade

¹⁶ A endogamia, o casar no âmbito do mesmo grupo social, uma característica global da Eurásia, conduz a variações no interior das culturas que tendem a cristalizar em subculturas diferentes, como sublinha Jack Goody (cf. Jack Goody, *Production and Reproduction: a Comparative Study of the Domestic Domain*, Cambridge, Cambridge University Press, 1976, em particular pp. 101-114 e 117).

da decisão individual, essa escolha é, todavia, como os nossos resultados evidenciam, cúmplice de práticas homogâmicas.

A homogamia surgiu-nos retratada como *estrutura*, isto é, enquanto resultado de dois destinos individuais que se cruzam no tempo, mas que partem de meios sociais idênticos ou profundamente similares entre si. Mas também como *processo*, ou seja, como conjunto de mediações e cenários de interacção (por exemplo, os *habitus* e os processos de socialização, os locais de sociabilidade ou de lazer próprios dos diferentes grupos) através dos quais os parceiros efectivamente se encontram ou, pelo contrário, se evitam no espaço social.

O *universo de sócios* com que trabalhamos é profundamente marcado pela *diversidade* e heterogeneidade internas. Essa diversidade constrói-se em torno dos percursos individuais (e neles o capital escolar, com uma forte correlação positiva com condições sociais de partida, tem uma notável capacidade estruturadora — por exemplo, dos percursos profissionais), mas também é consolidada e reforçada no momento do casamento.

Numa população afectada por uma acentuada mobilidade social e onde predominam as formas de recrutamento externo (isto é, as ascendências não empresárias) poderíamos esperar encontrar uma maior heterogeneidade e mistura de situações no casamento. Pelo contrário, notámos como o percurso matrimonial é socialmente endogâmico: a escolha recai sobre um par ou sobre alguém com recursos equivalentes no âmbito dos universos sociais em questão. Conserva e reproduz, portanto, a desigualdade entre os grupos e as distâncias entre as suas desiguais posições relativas¹⁶.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, B. N. (1979), «Mate selection in the United States: a summarization», in Burr *et al.* *Contemporary Theories about the Family*, Londres, The Free Press, pp. 259-261.
- ALMEIDA, Ana N., e M. Dores Guerreiro (1993), «A família», in L. de França (ed.), *Portugal — Valores Europeus e Identidade Cultural*, Lisboa, IED, pp. 181-218.
- ALMEIDA, Ana N., J. Ferrão e J. M. Sobral (1994), «Territórios, empresários e empresas: entender as condições sociais da empresarialidade», in *Análise Social*, 29 (125-126), pp. 55-81.
- ALMEIDA, Ana N. (1993), *A Fábrica e a Família — Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro.
- ALMEIDA, J. Ferreira de (1986), *Classes Sociais nos Campos: Camponeses Parciais Numa Região do Noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- ARIÈS, Ph. (1973), *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Éd. du Seuil.
- ARRONDEL, L., e C. Grange (1993), «Logiques et pratiques de l'homogamie dans les familles du bottin mondain», in *Revue française de sociologie*, 34, pp. 597-626.
- BOURDIEU, P. (1987), «De la règle aux stratégies», in *Choses dites*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- BOZON, M., e F. Héran (1987), «L'Aire de recrutement du conjoint», in *Données sociales*, p. 338.

- BOZON, M., (1991), «Apparence physique et choix du conjoint», in *Congrès et colloques* (7), pp. 91-110.
- BOZON, M., e F. Héran (1987), «La découverte du conjoint», I, «Évolution et morphologie des scènes de rencontre», in *Population* (6), pp. 943-986.
- BOZON, M., e F. Héran (1988), «La découverte du conjoint», II, «Les scènes de rencontre dans l'espace social», in *Population* (1), pp. 121-150.
- BOZON, M. (1991), «Le choix du conjoint», in F. de Singly (ed.), *La Famille — l'état des savoirs*, Paris, La Découverte, pp. 22-33.
- BURGESS et al. (1960), *The Family: from Institution to Companionship*, Nova Iorque, American Book.
- BURGUIÈRE, A. (1986), «La formation du couple», in A. Burguière et al. (eds.), *Histoire de la famille*, Paris, A. Colin.
- CASEY, J. (1989), *The History of the Family*, Oxford, Basil Blackwell.
- FLANDRIN, J. L. (1976), *Familles — parenté, maison, sexualité dans l'ancienne société*, Paris, Hachette.
- FLANDRIN, J. L. (1975), *Les Amours paysannes: amour et sexualité dans l'ancienne France (XVI-XIX^{ème} siècles)*, Paris, Gallimard-Julliard.
- GIRARD, A. (1981), *Le Choix du conjoint — une enquête psycho-sociologique en France*, Paris, PUF/INED.
- GOODE, W. J. (1963), *World Revolution and Family Patterns*, Nova Iorque, The Free Press.
- GOODY, J. (1983), *The Development of Family and Marriage in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, J. (1976), *Production and Reproduction: a Comparative Study of the Domestic Domain*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GUERREIRO, M. Dores (1996), *Famílias na Actividade Empresarial — PME em Portugal*, Oeiras, Celta.
- Inquérito à Juventude Portuguesa — Situações, Problemas, Aspirações*, Lisboa, Instituto da Juventude/Instituto de Ciências Sociais, 1989.
- KALMIJN, M. (1991), «Status homogamy in the United States», in *American Journal of Sociology*, 97 (2), pp. 496-523.
- KAUFMANN, J. Cl. (1993), *Sociologie du couple*, Paris, PUF.
- KELLERHALS, J., et al. (1982), *Mariages au quotidien*, Lausana, Marcel Favre.
- KELLERHALS, J., et al. (1984), *Microsociologie de la famille*, Paris, PUF.
- KELLERHALS, J., et al. (1981), «Une relation sans échange: rituels du couple dans un genre de littérature populaire», in *Revue suisse de sociologie* (7), pp. 1-24.
- LEBRUN, F. (1975), *La Vie conjugale sous l'Ancien Régime*, Paris, A. Colin.
- LOURENÇO, N. (1991), *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Editorial Fragmentos.
- MEDICK, H., e D. Sabeau (eds.) (1984), *Interest and Emotion — Essays on the Study of Family and Kinship*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MITTERAUER, M., e R. Sieder (1982), *The European Family*, Oxford, Basil Blackwell.
- PARSONS, T., e R. F. Bales (1985), *Family, Socialization and Interaction Process*, Nova Iorque, The Free Press.
- ROUSSEL, L. (1989), *La Famille incertaine*, Paris, Odile Jacob.
- SEGALEN, M. (1981), *Sociologie de la famille*, Paris, A. Colin.
- SEGALEN, M. (1980), *Mari et femme dans la société paysanne*, Paris, Flammarion.
- SENNET, R. (1974), *Tyrannies de l'intimité*, Paris, Seuil.
- SHORTER, E. (1977), *Naissance de la famille moderne*, Paris, Seuil.
- SINGLY, F. (1987), *Fortune et infortune de la femme mariée — sociologie de la vie conjugale*, Paris, PUF.
- SINGLY. (1987), «Théorie critique de l'homogamie», in *L'Année sociologique* (37).

- SOBRAL, J. M. (1993), *Trajectos: Produção e Reprodução da Sociedade. Família, Propriedade, Estrutura Social Numa Freguesia Rural Beirã* (dissertação de doutoramento), Lisboa, ISCTE.
- STONE, L. (1979), *The Family, Sex and Marriage in England 1500-1800*, Nova Iorque, Harper Colophon Books.
- TILLY, L., e J. Scott (1978), *Women, Work and Family*, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston.
- TORRES, A. (1996), *Divórcio em Portugal. Ditos e Interditos*, Oeiras, Celta Editora.
- WALL, K. (1994), *La Fabrication de la vie familiale. Changement social et dynamique familiale chez les paysans du Bas-Minho* (dissertação de doutoramento), Genebra, Universidade de Genebra.